

Sentimento e razão

Fátima Cunha Ferreira Pinto

Por que centenas de professores, desafiando os mais simples princípios de respeito ao cidadão, invadem um prédio público e mantêm, sob a ameaça e maus-tratos, durante horas de tensão e humilhação, outros colegas que, trabalhando, cumpriam suas obrigações? A princípio poderia parecer apenas um ato de desespero de uma classe na tentativa de melhorar as condições salariais para continuar a luta pela educação dos seus alunos. No entanto, uma análise mais detalhada e uma observação atenta do que se passa na sociedade brasileira indicam-nos que não.

Estamos vivendo um momento de grave crise econômica, em que as autoridades governamentais têm encontrado sérias dificuldades para conter o processo inflacionário que enfraquece o poder de compra do assalariado e corrói sua dignidade, juntando-se a isto o agravamento da crise política, gerada, entre outras causas, pela proximidade das eleições presidenciais que acirram os ânimos e superaquecem os inconciliáveis conflitos de classe. A partir deste pressuposto, torna-se imprevisível a resultante gerada pela busca do poder.

Entretanto, episódios lamentáveis, como o ocorrido no prédio da Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Rio de Janeiro, fazem parte de um outro tipo de crise, embora mantenha ela conexão clara com as dificuldades político-econômicas. Trata-se do aspecto ético do comportamento da sociedade brasileira neste final de século.

Temos assistido impassíveis a uma crescente onda de contradições nas relações sociais, e tristes exemplos de falta de moralidade: projetos políticos pessoais mais fortes que a promoção da dignidade da vida dos cidadãos; parlamentares que apresentam um texto constitucional de conciliação nacional, mas que não votam as leis complementares capazes de torná-lo exequível; fala-se de paz, quando o terrorismo chega à nossa porta; dá-se direito de voto a quem não tem responsabilidade civil ou criminal; sabe-se que a pobreza aumenta e continua-se a desperdiçar recursos; prega-se a austeridade administrativa e o controle de preços, quando ainda há evidências de corrupção e clientelismo; prega-se a melhoria do ensino ao mesmo tempo que estão sem aulas mais de 1 milhão de crianças; prega-se a democracia e não há diálogo e respeito às opiniões divergentes; fala-se de aprender com a História quando a memória nacional insiste na repetição de antigos e caducos erros que levaram o país a um regime de exceção; fala-se em participação democrática e repúdio ao autoritarismo, e assiste-se à ditadura das minorias exaltadas; fala-se em educação democrática e pratica-se a tirania ilustrada.

Porém, quando os que cuidam da educação das novas gerações, os que vivem em contato direto com crianças e adolescentes das escolas públicas a quem os pais entregam a educação de seus filhos, deixam-se contaminar pelos profissionais da desordem, do conflito, da intransigência e do desrespeito, então é que chegou a hora de refletirmos sobre a gravidade da situação a que chegamos, e de temer quanto ao futuro do país.

A avalanche do sindicalismo invadiu a escola pública e transformou os que há bem pouco tempo, mesmo em condições adversas, tinham o respeito da sociedade e se orgulhavam do título de professores e educadores. Hoje, transvestido em "trabalhadores" do ensino, misturados, indiscriminadamente, por força do autoritarismo político-partidário, na categoria de trabalhadores da indústria, do comércio e do campo, sua finalidade e responsabilidades primordiais começam a desvirtuar-se.

Temos todos os motivos para o ceticismo moral. Deixamos de lado as virtudes éticas aristotélicas de justiça, coragem, magnanimidade, respeito e temperança.

O país vive hoje um processo de degradação ética em todos os setores. Descreditam-se as instituições.

Como num barco sem rumo, os professores deixam-se levar pela onda grevista inconsequente, fazendo com que o sentimento supere a razão, contrariando a fórmula kantiana que apregoa o primado da razão e da reflexão sobre o sentimento.

No entender de Kant, um dos vértices do pensamento filosófico moderno, deve-se tratar a humanidade na sua face total e individual embora sempre como um fim e nunca como um meio. A conduta moral prática é incompatível com qualquer idéia de natureza coercitiva, seja ela de ordem física ou psíquica. Os homens devem definir sua conduta moral, seu senso de humanidade, por sua livre vontade, decidindo por si e assumindo as próprias crenças, seu próprio plano de vida.

A doutrina moral de Kant, que se afina com a filosofia moral inglesa do século XVIII, tem peculiar importância e atualidade para a nossa situação hoje. Manifesta a preocupação de ancorar a regra de conduta social na substância racional do homem. Se o sentimento para o qual apelavam os moralistas ingleses era a "tendência à felicidade do próximo", a razão é a "exigência de agir pelo reconhecimento dos outros homens" e o comportar-se em face deles com "imperativos de prudência e solidariedade", para não prejudicar o próximo ou mesmo para se beneficiar.

Os homens de conduta moral e senso de humanidade não se deixam levar senão por suas convicções, não perdem de vista seu próprio projeto de vida, vez que o comportamento moral inclina o homem para a promoção do bem, sem prejuízo do seu semelhante.

É patético, por conseguinte, observar que os que deveriam balizar os rumos da história do país, pela atividade docente, preparando seus alunos para reconstruir o Brasil, abdicam de seu projeto e deixam-se conduzir por interesses externos a si próprios.

Dai porque pessoas que deveriam ser exemplos a seguir comportam-se como vândalos, amedrontam pessoas, gritam palavrões, desrespeitam idosos e quebram mesas, dizendo-se representantes de quase cem mil professores. Desviam o olhar do futuro para o próprio bolso, para a cadeira de balanço, fogem ao trabalho e assistem ao fim da escola pública.

É preciso recuperar os princípios da moralidade pública que deve principiar pela atitude ética dos professores das escolas públicas.

A esperança de reversão desse estado de espírito nefando depende fundamentalmente da recuperação da identidade do professor-educador, do que dá exemplo de trabalho, respeito e dignidade. A esperança renasce a partir dos que não concordam com esses atos de violência e com a intransigência e interesses escusos de alguns. A esperança é de que o bom senso retome o timão de suas próprias vidas para que possam cumprir com suas obrigações. Só assim a razão prevalecerá e poder-se-á recuperar a ética na vida pública brasileira.

Fátima Cunha Ferreira Pinto, doutora em Filosofia é secretária de Estado de Educação e Cultura do Rio de Janeiro